

VETORES-VERTENTES: FOTÓGRAFAS DO PARÁ



Walda Marques, *Cubana azul*, Havana, ilha de Cuba, da série *Românticos de Cuba*, 2008

*Exposição que mapeia mais de 40 anos de fotografia feminina amazônica
chega ao Rio de Janeiro em 11 de fevereiro, ocupando o térreo e todo o 2º andar do CCBB Rio.
Mostra fica em cartaz até 30 de março*



Da esquerda para a direita: Oca, Experiência em realidade expandida na Oca e Figurinos e objetos de cena do filme *Mukatu'hary (Curandeira)*

Fotos: Divulgação

Vetores-Vertentes: Fotógrafas do Pará reafirma a centralidade da produção fotográfica feminina do Norte do país, reconhecida por sua força estética, política e poética. Ao reunir imagens, experiências imersivas, olfativas e interativas, a exposição apresenta um amplo e inédito panorama da fotografia contemporânea produzida por mulheres amazônicas – um campo que hoje se destaca como uma das expressões visuais mais potentes da Amazônia e da arte brasileira. A estreia no Rio ocorre após temporadas de grande repercussão nos CCBBs de Belo Horizonte, Brasília e São Paulo.

Idealizado pelo Museu das Mulheres (Museu DAS), o projeto tem curadoria de Sissa Aneleh, historiadora da arte e pesquisadora que há quase duas décadas investiga a produção artística feminina, com especial atenção às narrativas visuais da Amazônia sob perspectiva decolonial.

“A exposição chega ao CCBB Rio trazendo toda a potência do Norte do Brasil por meio dos olhares sensíveis e impactantes de mulheres que criam obras capazes de conectar o público de maneira profunda”, afirma Sueli Voltarelli, gerente-geral do CCBB Rio.

UMA GRANDE CARTOGRAFIA VISUAL DA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA

Vetores-Vertentes reúne 170 obras, entre fotografias, vídeos, instalações, jornais fotográficos, fotonovelas, áudios e experiências imersivas. O conjunto traça um recorte plural de um Pará múltiplo – urbano e ribeirinho, cosmopolita e ancestral – aproximando o público de uma Amazônia complexa e real, distante de estereótipos e exotizações.

“A fotografia artística feita por mulheres no Pará tece caminhos entre arte, documentação e experimentação. É uma potente ferramenta de resistência, memória e afirmação identitária feminina”, destaca a curadora Sissa Aneleh.

O CCBB RIO COMO TERRITÓRIO AMAZÔNICO

Na temporada carioca, o visitante é recebido pelo ambiente dedicado ao filme *Mukatu'hary (Curandeira)*, dirigido por Sissa Aneleh e exibido em realidade expandida no circuito Oca, no térreo do CCBB. A obra transporta o público para uma aldeia indígena e apresenta um ritual real de cura conduzido por Maputyra Guajajara, revelando musicalidades, espiritualidades e práti-

cas ancestrais. Essa experiência inaugura uma travessia sensorial que se desdobra ao longo de toda a exposição.

O percurso reúne desde a fotografia documental sobre comunidades ribeirinhas, quilombolas, urbanas e indígenas até narrativas afro-amazônicas que investigam corpo, memória e espiritualidade. A mostra também inclui experimentos visuais que articulam processos analógicos e digitais, manipulação de imagens e novas materialidades, expandindo a fotografia para dimensões performáticas e conceituais.

TECNOLOGIA, IMERSÃO E SENTIDOS AMPLIADOS

Entre os destaques está a instalação aromática *Icamibas*, composta por seis fragrâncias criadas especialmente para a mostra, inspiradas nas *Icamibas* – mulheres indígenas guerreiras da região histórica de Nhamundá. Experiências sonoras e visuais distribuídas pelo espaço intensificam a sensação de imersão, trazendo a Amazônia para o coração do Rio de Janeiro.



Míriam Araújo / Ateliê Olfativo Lila. Botânica, 2025 – Composições olfativas: pedras vulcânicas, óleos essenciais, tinturas de cascas, folhas, sementes e flores

AS FOTÓGRAFAS E SEUS OLHARES

A mostra reúne artistas que atuam das décadas de 1980 aos anos 2000, além de uma nova geração que vem redefinindo a fotografia brasileira.

BÁRBARA FREIRE – Fotógrafa e artista visual natural de Belém do Pará, nascida em 1970. Com uma trajetória artística marcada pela exploração da identidade cultural e das paisagens humanas e naturais da Amazônia, Bárbara utiliza a fotografia como ferramenta de expressão e documentação. Seu trabalho é profundamente influenciado pela riqueza cultural e ambiental da região amazônica, destacando-se por sua sensibilidade e abordagem poética. Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Bárbara Freire começou sua carreira como fotógrafa documental, mas rapidamente expandiu sua prática para incluir projetos autorais que exploram temas como memória, identidade e a relação entre o ser humano e o ambiente. Sua obra é caracterizada por uma estética cuidadosamente construída, que combina elementos visuais e narrativos para criar imagens que transcendem o meramente documental.

CLÁUDIA LEÃO – Fotógrafa e pesquisadora de Belém do Pará, nascida em 1967. Especializada em fotografia decolonial e em como a imagem pode ser utilizada para contestar e desconstruir narrativas coloniais. Sua pesquisa inclui uma análise profunda das imagens que envolvem os povos indígenas da Amazônia, com ênfase na ética e nas representações culturais. Além disso, Leão é coordenadora de projetos acadêmicos que dis-



À esquerda:
Bárbara Freire,
*Sem título, Ensaio
Círio, 2005*;
à direita:
Cláudia Leão,
Pandora de Vidro,
1993

cutem a produção e a apropriação de imagens na região amazônica, desafiando visões estereotipadas e exotificadas desses povos.

DEIA LIMA – Fotógrafa, artista visual e arte-educadora de Belém do Pará, nascida em 1987. Seu trabalho busca ressignificar a imagem das mulheres e destacar a identidade visual regional na era digital. Além de sua atuação artística, Deia compartilha seu conhecimento por meio de videoaulas sobre fotografia de celular, explorando as particularidades e técnicas desse estilo fotográfico. Também mantém um canal no YouTube no qual apresenta conteúdos relacionados à fotografia e arte visual.



Deia Lima, *Feito de Luz*, 2020

EVNA MOURA – Fotógrafa, artista visual, educadora e pesquisadora paraense, nascida em 1986. Graduada

em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (UFPA), sua prática artística é caracterizada pela experimentação fotográfica, utilizando técnicas alternativas, como o pinhole e processos fotográficos analógicos, integrados ao processamento digital de imagens. Além disso, ela explora a relação entre corpo, natureza e imagem digital, propondo uma reflexão sobre os saberes da natureza da região amazônica e suas influências nas artes visuais contemporâneas.



Evna Moura,
Tieta,
série
*Vendedoras
de Ervas do
Mercado
Ver-o-Peso,*
Belém/PA,
2016

JACY SANTOS – Fotógrafa, historiadora e pesquisadora de Igarapé-Miri no Pará nascida em 1996. Seu trabalho é profundamente enraizado na cultura amazônica, com



Jacy Santos,
Milagre dos Peixes, PAE
Santo Antônio II,
Abaetetuba,
Pará, 2020

foco em etnofotografia e fotografia documental. Re-trata o cotidiano amazônico com um olhar humanista e poético, oferecendo um testemunho visual das identidades sociais e culturais da região. Além de sua atuação como fotógrafa, Jacy é autora do fotolivro “*A Cura*” e pesquisadora do *Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Amazônia* (GEPHRIA). Sua formação em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA) complementa sua abordagem sensível e crítica na documentação de narrativas amazônicas.

LEILA JINKINGS – Fotógrafa, documentarista e jornalista paraense, nascida em 1955. Filha de Maria Isa Tavares Jinkings e Raimundo Antônio da Costa Jinkings, um bancário e jornalista militante, Leila foi influenciada desde cedo pelo ambiente político e cultural de sua família. Seu interesse pela fotografia começou na infância, observando amigos de seu pai envolvidos em movimentos sociais. Embora tenha ingressado no curso de Arquitetura em 1975, a fotografia se tornou a principal ferramenta em seus projetos, especialmente no planejamento urbanístico.



Leila Jinkings, *Canoa e Barra de Saia*, Vila Caraparu, Pará, 1984

NAILANA THIELY – Fotógrafa documental paraense, nascida em 1980. Seu trabalho se destaca pela documentação visual das culturas amazônicas, com um olhar sensível para as populações indígenas, ribeirinhas e afrodescendentes. Busca dar visibilidade às narrativas de grupos historicamente marginalizados, valorizando suas identidades e tradições por meio de imagens que evocam pertencimento, resistência e memória. Seu olhar fotográfico dialoga com a tradição do fotojorna-



Nailana Thiely, *Pescador demonstra organização de sua rede*, Chaves, Marajó, Pará, 2017

lismo e da fotografia documental brasileira. Construiu sua trajetória profissional com um compromisso sólido com a fotografia documental e o registro das dinâmicas sociais da Amazônia. Com abordagem intimista e respeitosa sobre os retratados, contribui para o processo de visibilidade sobre as comunidades fotografadas, possibilitando que essas populações contem suas próprias histórias.

NAY JINKNSS – Artista visual, educadora social e pesquisadora de Belém do Pará, nascida em 1990. Utiliza a fotografia como ferramenta de transformação social e reflexão crítica. Graduada em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem pela Universidade da Amazônia (UNAMA) e mestrandona Programa de Pós-Graduação em Artes



Nay Jinknss, *Pedra do peixe*, da série *Do Mar ao Rio*, 2022

(PPGARTES) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Nay desenvolve projetos que abordam questões de identidade, memória, representatividade e decolonialismo, especialmente a partir da perspectiva de uma mulher negra, amazônica e lésbica. Desde o início de sua trajetória artística, tem explorado a fotografia como um meio de questionar narrativas estereotipadas e promover o protagonismo das comunidades marginalizadas. Em seus projetos, busca não apenas documentar, mas também estabelecer diálogos que respeitam as histórias e vivências dos retratados.

PAULA SAMPAIO – Fotógrafa documental e fotojornalista paraense, nascida em 1965. Reconhecida por seu trabalho que retrata a vida cotidiana, a cultura e as tradições da Amazônia. Considerada uma das principais fotógrafas da documentação visual da Amazônia contemporânea, seu trabalho foi exposto em galerias e museus no Brasil e no exterior. Formada em Comuni-

cação Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Paula Sampaio começou sua carreira como repórter fotográfica em jornais locais, destacando-se por sua sensibilidade e abordagem humanista ao retratar as comunidades amazônicas. Ao longo de mais de três décadas, documentou a diversidade cultural e ambiental da Amazônia, com um foco especial nas populações ribeirinhas, indígenas e quilombolas. Seu trabalho é marcado por uma profunda conexão com as pessoas que fotografa, buscando sempre retratar suas histórias de forma autêntica e respeitosa. Colaborou com diversas organizações nacionais e internacionais, incluindo a *National Geographic*, *Greenpeace*, WWF e UNICEF.



Paula Sampaio, série *Nós*, Abaetuba, Pará, 2005

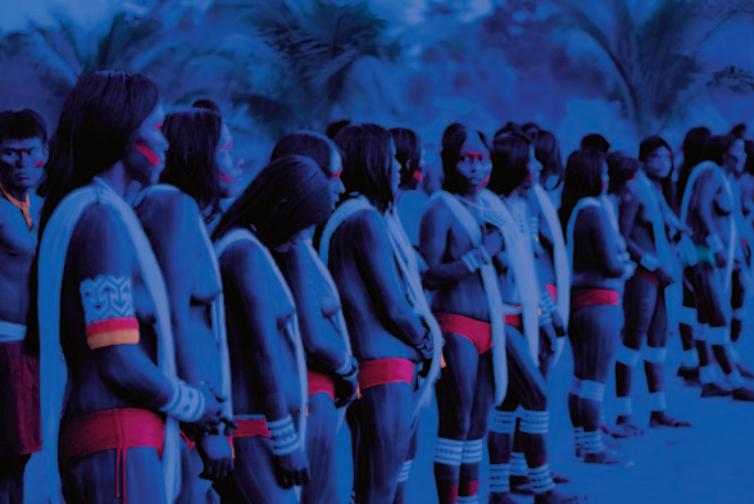
RENATA AGUIAR – Artista visual, educadora e pesquisadora brasileira, radicada no Pará, nascida em 1985. Com formação acadêmica sólida, possui doutorado em Artes Visuais e graduação em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem. Sua pesquisa concentra-se nos potenciais poético-políticos da imagem do corpo, analisando ques-

tões de gênero e território. Desde 2007, Renata atua como fotógrafa na região amazônica, explorando temas relacionados à identidade, memória e resistência cultural. Além de sua prática artística, é professora, curadora e produtora, contribuindo para o desenvolvimento da cena artística local.

WALDA MARQUES – Artista visual, fotógrafa e pesquisadora brasileira, nascida em Belém do Pará, em 1956. Com uma carreira que se estende por mais de quatro décadas, Walda é reconhecida por seu trabalho pioneiro na fotografia contemporânea paraense, especialmente por suas explorações da identidade cultural e da memória coletiva da região amazônica. Formada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA), a artista começou sua carreira como fotógrafa documental, mas expandiu sua prática para incluir instalações, vídeos e intervenções artísticas. Seu trabalho é profundamente influenciado pela cultura amazônica, explorando temas como a relação entre o ser humano e a natureza, a espiritualidade e os saberes tradicionais da região.

A CURADORA

Sissa Aneleh é fundadora e diretora do Museu das Mulheres. Mestra e doutora em Artes e historiadora da arte, atua como diretora artística e produtora executiva. Já realizou a curadoria de mais de 17 exposições, incluindo circulações internacionais na Alemanha, com passagens pelo Museu de Arte de Bochum, Centro Cultural de Mannheim, Bienal de Arte de Bochum e Festival de Berlim.



Renata Aguiar, *Primárias Cores*, Etnia MeiKumer e São Félix do Xingu, Pará, 2012

MUSEU DAS MULHERES (MUSEU DAS)

O Museu das Mulheres é a primeira instituição brasileira dedicada integralmente às mulheres, com atuação híbrida entre espaços físicos, plataformas digitais e ambientes imersivos. Fundado em 2022, promove o protagonismo feminino em arte, tecnologia, cultura, história, pesquisa e educação, além de manter programas expositivos, audiovisuais e educativos e formar um acervo de obras de grandes artistas mulheres da história da arte brasileira.

A exposição *Vetores-Vertentes: Fotógrafas do Pará* é apresentada pelo Ministério da Cultura e pelo Banco do Brasil, com patrocínio via Lei Rouanet – Incentivo a Projetos Culturais. A coordenação e produção são do Museu das Mulheres, com realização do Governo do Brasil e do CCBB.

SERVIÇO

Vetores-Vertentes: Fotógrafas do Pará

De 11 de fevereiro a 30 de março

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB RJ)

Rua Primeiro de Março, 66, térreo e 2º andar, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3808-2020 / ccbbrio@bb.com.br

Dias/Horários: quarta a segunda, das 9h às 20h

(fechado às terças) | *Funcionamento especial no Carnaval:*

Fechado apenas segunda e terça (16 e 17/02). Reabre quarta (18/02) ao meio-dia.

Entrada: Gratuita | *Classificação indicativa:* Livre

<https://ccbbrj.com.br/>



Walda Marques, série *Oreiades, as Deusas do Bosque de Narciso*, 1997